





Propriedades Psicométricas da Escala de Dependência Específica do Cônjuge para mulheres (EDEC-M)

Psychometric Properties of the Spouse Specific Dependency Scale for Women (SSDS-W)

Propiedades psicométricas de la Escala de Dependencia Específica del Cónyuge para Mujeres (EDEC-M)

Tamyres Tomaz Paiva ¹  [ORCID](#); Kaline da Silva Lima ²  [ORCID](#); Jaqueline Gomes Cavalcanti ³  [ORCID](#); Isabella Leandra Silva Santos ⁴  [ORCID](#)

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba Brasil.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

³ Doutora em Psicologia Social e Especialista em Avaliação Psicológica Social. Docente do Instituto de Educação Superior da Paraíba (UNIESP), Brasil.

⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Fecha correspondencia:

Recibido: enero 16 de 2020.

Aceptado: diciembre 12 de 2020.

Forma de citar:

Paiva, T.T., Lima, K. S., Cavalcanti, J. G., & Santos, I. L. S. (2021).

Propriedades Psicométricas da Escala de Dependência Específica do Cônjuge para mulheres (EDEC-M). *Rev. CES Psico*, 14(3), 34-56.

<https://dx.doi.org/10.21615/cesp.5417>

Open access

[© Derecho de autor](#)

[Licencia creative commons](#)

[Ética de publicaciones](#)

[Revisión por pares](#)

[Gestión por Open Journal System](#)

DOI: 10.21615/cesp.5417

ISSNe: 2011-3080

[Publica con nosotros](#)

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi adaptar e validar Escala de Dependência Específica do Cônjuge para Mulheres (EDEC-M) para utilização no contexto brasileiro, composto por 30 itens. No Estudo 1, contou-se com 347 mulheres. Obteve-se uma estrutura tri-dimensional: apego ansioso ($\alpha = 0,88$), dependência emocional ($\alpha = 0,80$) e dependência exclusiva ($\alpha = 0,72$), com consistências internas satisfatórias. No segundo estudo, participaram 325 mulheres, foram testados três modelos de equações estruturais. Os resultados indicaram que a EDEC-M apresentou melhores índices de ajuste no modelo hierárquico de segunda ordem: $\chi^2/df = 1,89$; CFI = 0,95; TLI = 0,95; GFI = 0,95; RMSEA 0,05 e SRMR = 0,07. Esse modelo foi suportado pela Teoria de Resposta ao Item (TRI), que analisou uma variação satisfatória de dificuldade dos itens e possibilitou a construção de um Mapa de Itens para a medida. Logo, a EDEC-M apresentou propriedades psicométricas de validade de construto para o contexto brasileiro em mulheres.

Palavras-chaves: Escala de Dependência Específica do Cônjuge para Mulheres (EDEC-M), dependência do cônjuge, dependência emocional, modelo hierárquico, Teoria de Resposta ao Item (TRI).

Abstract

The aim of this research was to adapt and validate the Spouse Specific Dependency Scale for Women (SSDS-W) for use in the Brazilian context, which consists of 30 items. In study 1, 347 women participated. It was obtained a three-dimensional structure: anxiety attachment ($\alpha = .88$), emotional dependence ($\alpha = .80$) and exclusive dependence ($\alpha = .72$), with satisfactory internal consistencies. In the second study, 325 women participated, and three structural equation models were tested. The results indicated that the EDEC-M presented better index adjustment in the second-order hierarchical model: $\chi^2 / df = 1.89$; CFI = .95; TLI = .95; GFI = .95; RMSEA .05 and SRMR = .07. This model was supported by Item Response Theory (IRT), which analyzed a satisfactory variation of the item difficulty and allowed the construction of an Item Map for the measure. Therefore, the EDEC-M presented satisfactory psychometric properties evidence of construct validity for the Brazilian context in women.

Keywords: Spouse Specific Dependency Scale for Women (SSDS-W), dependency spouse, emotional dependency, hierarchical model, Item Response Theory (IRT).

Resumen

El objetivo de esta investigación fue adaptar y validar la Escala de Dependencia Específica del Cónyuge para Mujeres (EDEC-M) para su uso en el contexto brasileño, que consta de 30 ítems. En el estudio 1, participaron 347 mujeres. Se obtuvo una estructura de tres dimensiones: apego ansioso ($\alpha = .88$), dependencia emocional ($\alpha = .80$) y dependencia exclusiva ($\alpha = .72$), con consistencia interna satisfactoria. En el segundo estudio, participaron 325 mujeres, se probaron tres modelos de ecuaciones estructurales. Los resultados indicaron que el EDEC-M presentó mejores índices de ajuste en el modelo jerárquico de segundo orden: $\chi^2 / df = 1.89$; CFI = .95; TLI = .95; GFI = .95; RMSEA .05 y SRMR = 0.07. Este modelo fue apoyado por el Teoría de Respuesta al Item (TRI), que analizó una variación satisfactoria de la dificultad del ítem y permitió la construcción de un Mapa de ítems para la medición. Por lo tanto, el EDEC-M presentó propiedades psicométricas de validez de constructo para el contexto brasileño en mujeres.

Palabras clave: Escala de Dependencia Específica del Cónyuge para Mujeres (EDEC-M), dependencia del cónyuge, dependencia emocional, modelo jerárquico, Teoría de Respuesta al Ítem (TRI).

Introdução

A dependência interpessoal pode ser definida como uma confiança nos relacionamentos pessoais, refletida em uma motivação para obter, manter e proteger essas relações (Rathus & O’Leary, 1997; Wang et al., 2014). Uma pessoa dependente emocionalmente pode apresentar comportamentos de submissão e subordinação, dificuldades de tomar decisões em seus relacionamentos, sentimento de responsabilidade por todos os acontecimentos, centrando-se completamente em sua relação (Bution & Wechsler, 2016). Uma revisão sistemática desenvolvida por Bution e Wechsler (2016) indicou que a prevalência de dependência emocional relatada nos estudos entre 2004 e 2014 variou entre 5% a 24,5%. Embora a dependência possa ser um processo natural do ser humano, em excesso pode trazer impactos negativos nos padrões que regem a vida profissional, pessoal e amorosa dos indivíduos, além de afetar o próprio funcionamento psicológico e trazer consequências na saúde e na qualidade de vida (Abuín & Rivera, 2015; Bornstein, 2005; Estévez, Urbiola, Iruarrizaga, & Onaindia, 2017). Tais implicações são verificadas mesmo em estudos com amostras subclínicas, cujos resultados indicam que a dependência patológica está relacionada a sintomas psicopatológicos, como: comportamento obsessivo-compulsivo, ansiedade, ideias paranoides (Abuín & Rivera, 2015), ansiedade e depressão (Beck et al., 1983; Blatt et al., 1976).

No contexto das relações amorosas, estudos relatam que a dependência do cônjuge pode ocasionar ansiedade, depressão, baixa autoestima e comportamento violento (Estévez et al., 2017; Kane & Bornstein, 2015). Apesar disso, um estudo de Perles, San Martín e Canto (2019), com uma amostra de 296 estudantes com idades entre 14 a 19 anos de idade, de ambos os sexos, no sul da Espanha, buscou conhecer se o gênero, o ciúme e a dependência explicavam estratégias específicas para a resolução de conflitos (agressão psicológica e agressão física leve). Os resultados apontaram que, em meninos, a violência psicológica e agressão física leve foram associadas à dependência. Além disso, em meninas, a interação entre ciúme e dependência previram a agressão psicológica. Tais dados evidenciam a necessidade de abordar o papel da dependência nos tipos de violência, bem como apontam que os impactos negativos da dependência podem se desenvolver desde muito cedo (García, Cuetos, & Sirvent, 2017; Valle & Moral, 2018).

Ainda sobre o gênero, Bornstein (2012) reportou, em seu estudo, que homens que são emocionalmente dependentes de suas parceiras tendem a desempenhar frequentemente o papel de abusadores, enquanto as mulheres dependentes desempenham o papel de vítimas. Tal evidência de que a dependência emocional explica o comportamento de algumas mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo é sugerido em distintas pesquisas (Castelló, 2005; Bornstein, 2012; Deza, 2012; Tello, 2015), sendo este um dos motivos essenciais para a permanência das mulheres em relacionamentos violentos (Deza, 2012). Acerca disso, Tello (2015) aponta que uma mulher com dependência emocional experimentará altos níveis de

medo quando pensa que seu relacionamento pode terminar. Em virtude disso, evitará por todos os meios que isso seja cumprido, tolerando comportamentos que vão da desatenção simples e esporádica de seu parceiro a insultos e ofensas repetitivas, incluindo agressões físicas. Se o parceiro ameaçar terminar a relação, a mulher mostrará resistência em aceitar o término; e se houver separação, tentará manter comunicação direta ou indireta (redes sociais).

Mas, o que causa a dependência emocional? Vários têm sido os teóricos que se dedicaram a entender esse comportamento que afeta emocionalmente os indivíduos. A teoria do apego (Bowlby, 1973) identifica as interações a partir da figura do apego e as situações de risco. Assim, quando a criança não é respondida de maneira a gerar segurança, sobressai a ansiedade e medo de não ter mais segurança. Isso explica a ansiedade de separação, a expressão afetiva de insegurança, a modificação de planos (para ficar mais tempo com o parceiro), o medo da solidão, a execução de atos extremos para manter o relacionamento (até mesmo automutilação), e uma necessidade psicológica constante da atenção do parceiro (González-Jiménez & Hernández-Romera, 2014). Segundo o modelo da autocomplexidade e extremidade afetiva, as estruturas cognitivas são importantes para determinar o afeto e autoavaliação (Linville, 1985). Quanto mais simples for a estrutura mental (menos complexo) mais as pessoas tendem a ligar suas representações à memória relacionada aos aspectos sociais e familiares, que podem ser experiências fracassadas, resultando em afetos negativos. Nesse sentido, a dependência exclusiva seria essa resposta emocional, dada pela falta de autocomplexidade (estruturas mais complexas ou representações mais positivas) do relacionamento amoroso. Os *sociotropy and autonomy models* (Beck et al., 1983) e da Depressão Analítica (Blatt et al., 1976), tratam dos esquemas mal adaptativos latentes, cujos componentes estão associados a uma necessidade de aceitação, medo excessivo de abandono, rejeição e desprezo. Por causa desse padrão de frustração das necessidades, o sujeito buscaria suprir seus desejos de uma forma mal-adaptativa, por meio do relacionamento em que está envolvido, chegando ao ponto de sofrer abusos e exploração apenas para não perder o parceiro (Sirvent, 2000). Essa dependência torna-se tóxica (Bornstein, 2012) e destrutiva para si e para os outros, de modo que é essencial o desenvolvimento de maneiras para mensurar esse construto nas mais diversas populações (González-Jiménez & Hernández-Romera, 2014).

Portanto, levando em consideração as implicações negativas relacionadas à dependência emocional, bem como o número expressivo de pessoas que sofrem dessa dependência, alguns instrumentos têm sido propostos, a fim de facilitar o seu diagnóstico, prevenção e tratamento adequados. Dentre eles: *Interpersonal Dependency Inventory (IDI)*, *Relationship Profile Test (RPT)*, *Cuestionario de dependencia emocional (CDE)* e o *Spouse Specific Dependency Scale (SSDS)*.

A *Interpersonal Dependency Inventory- Inventário de Dependência Interpessoal* foi elaborado por Hirschfeld, Klerman, Gough, Barrett, Korchin e Chodoff (1977), partindo inicialmente de 98 itens, os quais foram aplicados a uma amostra não clínica e outra clínica. Após essa aplicação, decidiu-se por uma versão de 48 itens, que abarcasse três subescalas: Confiança emocional no outro, falta de autoconfiança social e afirmação da autonomia. Tal versão foi novamente reaplicada com amostra clínica e não clínicas, que apresentou alfas de 0,87, 0,78 e 0,72, respectivamente. A *Relationship Profile Test (RPT)- Teste do Perfil do Relacionamento* foi construído por Bornstein, Geiselman, Eisenhart e Languirand (2002), abrangendo três conceitos relacionados à dependência: dependência destrutiva, desprendimento disfuncional e dependência saudável, que apresentaram alfas respectivos de 0,85; 0,85; 0,76, e boa validade de construto, quando comparada a outras medidas já sólidas nesse campo de estudo (Haggerty et al., 2015). Contudo, como apontado por Bornstein et al. (2009), maneiras de acessar a validade do instrumento continuamente e sua utilidade em contextos sociais mais abrangentes ainda precisam ser mais claros.

O *Cuestionário de dependencia emocional* foi desenvolvido por Hoyos e Arredondo (2006), possuindo 23 itens que se dividem em 6 dimensões: Ansiedade de Separação (7 itens, $\alpha = 0,87$), Expressão do par (4 itens, $\alpha = 0,84$), Motivação de planos (4 itens, $\alpha = 0,75$), Medo da Solidão (3 itens, $\alpha = 0,80$), Expressão Limite (3 itens, $\alpha = 0,62$) e Busca por Atenção (2 itens, $\alpha = 0,78$). Entretanto, uma validação no Peru encontrou divergências psicométricas (Ventura & Caycho, 2016). Já a *Spouse Specific Dependency Scale (SSDS)*, traduzida pelo presente estudo como Escala de Dependência Específica do Cônjuge, que foi elaborada por Rathus e O'Leary (1997), foi composta inicialmente de 178 itens, baseados em outras medidas de dependência emocional e nas informações do DSM III, acerca do transtorno de personalidade dependente. Essa medida foi reduzida em 30 itens, baseando seus conjuntos de itens em teorias diferenciadas, por exemplo, o dimensão do apego ansioso está relacionado à Teoria do Apego Bowlby (1973); a dimensão da dependência exclusiva está relacionada ao Modelo da Autocomplexidade e Extremidade Afetiva (Linville, 1985); e a dimensão da dependência emocional está relacionado à Sociotropia (Beck et al., 1983) e à Depressão Analítica (Blatt et al., 1976). O apego ansioso é caracterizado pelo sentimento de preocupação com o parceiro, medo da separação e do abandono do parceiro; a dependência exclusiva reflete a exclusividade social e conjugal ao parceiro, sem a necessidade de outra pessoa; e a dependência emocional é caracterizada pela elevada dependência do parceiro, passando a usar o relacionamento como fonte principal de manutenção da autoestima e do funcionamento psicológico geral. Tais dimensões apresentaram um alfa de 0,93; 0,89 e 0,88, respectivamente.

No contexto brasileiro, observam-se poucas pesquisas empíricas que tratem da dependência emocional (Bution & Wechsler, 2016), e nenhuma que se refira a validação de escalas específicas sobre esse tema. Neste sentido, a presente pesquisa optou por utilizar a Escala de Dependência Específica do Cônjuge (Rathus & O'Leary, 1997), uma vez que ela foca em um

contexto interpessoal de parceiro especificamente, diferente das *IDI* e *RPT*. Além disso, a *SSDS* tem sido utilizada com sucesso em pesquisas, como a relação entre a dependência emocional e a agressividade (Petruccelli et al., 2014) e o impacto da dependência em dificuldades no relacionamento (Broozi & Fraghdani, 2018); além de contar com versões validadas em inglês e espanhol (Valor-Segura et al., 2009).

A partir dos dados apresentados, é possível compreender a importância de se estudar o fenômeno da dependência em relações matrimoniais, dando destaque ao fato de que o contexto em que essa dependência ocorre é, no geral, de um relacionamento abusivo. Além disso, considerando a realidade de um país como o Brasil, em que a violência contra a mulher ocorre em sua maior parte nesse cenário (Mapa da violência contra a mulher, 2018), o objetivo do presente estudo foi validar a Escala de Dependência Específica do Cônjuge para Mulheres (EDEC-M) para utilização no contexto brasileiro. Para atingir o objetivo proposto, realizamos dois estudos. O primeiro estudo, buscou explorar a distribuição dos itens. Parte-se da hipótese 1 de que a EDEC-M terá uma distribuição dos itens conforme o estudo original (Rathus & O'Leary, 1997). E o segundo estudo, buscou inovar testando modelos alternativos como o hierárquico para a EDEC-M. Com isso, formulou-se a hipótese 2, de que a EDEC-M obedeceria a uma ordem superior (e.g., dimensão geral), isto é, seria composta por uma dimensão geral que incluiria todas as formas de dependência do cônjuge. Essa hipótese é baseada no argumento de que o dependente emocionalmente não sofre apenas com uma forma específica da dependência (Abuín & Rivera, 2015; Bornstein, 2005; Estévez et al., 2017), mas, sofre com vários indicadores de forma simultânea. As dimensões de primeira ordem (dependência exclusiva, dependência emocional e apego ansioso) são mediadores na relação da variável observada com a dimensão geral da dependência emocional, isto é, para analisar a dimensão geral da dependência emocional, é necessário que se avalie primeiro as variáveis observadas (itens) que indicarão qual a dimensão mais presente do dependente emocional.

Estudo 1

Método

Participantes

Participaram do estudo 347 mulheres com idades entre 18 e 59 anos ($M = 28,18$; $DP = 8,17$). A maioria estava em algum relacionamento, como namoro (47%) e casadas (26,8%), estando com o atual parceiro de 1 a 5 anos (27,6%). As respondentes afirmaram residirem, a maioria, no Estado da Paraíba (46,7%), seguido de São Paulo (17%); declararam-se heterossexuais (87,9%) e bissexuais (6,6%); afirmaram, também, possuírem ensino superior incompleto (42,1%) e pós-graduação (27,4%). Quanto à religião, a maioria afirmou ser católica (40,1%), assim como não tem religião específica (29,1%). E possuírem renda de 1 a 3 salários mínimos (36%), e renda de 3 a 5 salários mínimos (32%).

Instrumento

Utilizou-se a “*Spouse-Specific Dependency Scale*”, traduzida para o presente estudo como Escala de Dependência Específica do Cônjuge para mulheres (EDEC-M), construída por Rathus e O’Leary (1997) no contexto dos Estados Unidos, com o objetivo de medir a dependência nos relacionamentos amorosos. A EDEC-M é composta por 30 itens, agrupados inicialmente em 3 dimensões: 1) Apego ansioso (e.g., “3. Fico ansioso(a) se eu acho que o(a) meu/minha parceiro(a) está chateado(a) comigo.”); 2) Dependência emocional (e.g., “Eu gosto do meu/minha parceiro(a) por ele(a) ser protetor(a) e compreensivo(a).”) e; 3) Dependência exclusiva (e.g., “Raramente eu durmo se o(a) meu/minha parceiro(a) não estiver comigo.”). Os itens originais, de acordo Rathus e O’Leary (1997), tratam apenas de casais heterossexuais, mas na presente pesquisa os itens foram adaptados para a inclusão de mulheres que possuem alguma dependência do(a) parceiro(a) em seus relacionamentos. As respondentes usaram uma escala do tipo *Likert* entre 1 (discordo totalmente) e 7 (concordo totalmente), avaliando a concordância com cada afirmação.

Além disso, também foi utilizado um questionário sociodemográfico, a fim de traçar o perfil da amostra, com questões como idade, status de relacionamento, tempo de relacionamento, Estado onde reside, orientação sexual, escolaridade, religião e renda familiar.

Procedimento

Inicialmente o estudo foi submetido à aprovação do comitê de ética, logo obtendo parecer aprovado (CAAE: 09344918.5.0000.5188). Seguiu-se os pressupostos de Borsa, Damásio e Bandeira (2012) para a fase da tradução e adaptação dos itens. Realizou-se a tradução dos itens por dois psicólogos bilíngues, do inglês para o português, seguido de um terceiro psicólogo bilíngue que possuía conhecimentos da temática de violência, retraduzindo do português para o inglês, a fim de verificar a equivalência semântica. Posteriormente, procedeu-se a validação semântica dos itens com a participação de 5 estudantes (2 participantes do sexo masculino e 3 do sexo feminino) do ensino médio para averiguar a capacidade da compreensão verbal do instrumento. Essa parte consistia em ler em voz alta e explicar o que eles entenderam de cada item. Todos os itens mostraram-se compreensíveis para a população alvo. Logo após essa etapa, iniciou-se a coleta da população alvo, após concordarem com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A coleta foi realizada de forma on-line, por meio de redes sociais (e.g., *Facebook*, *E-mails*, *Instagram*). As respondentes foram informadas de que a pesquisa seria voluntária e não receberiam nenhum retorno financeiro pela sua participação, e que foram tomados todos os cuidados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações individuais, preservando sua identidade, seguindo as recomendações da Resolução 466/12 e a 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Análise dos Dados

Os dados foram analisados no programa estatístico IBM SPSS *Statistics* (versão 21), sendo realizadas estatísticas descritivas (medidas de tendência central e dispersão), além de verificar a fatorabilidade da matriz gerada. Foram avaliados os índices de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO), assim como a esfericidade de *Bartlett*. Por meio dos componentes principais (ACP) com rotação *varimax*, extraiu-se as dimensões. De acordo com a literatura, o instrumento era formado por três componentes. O número de dimensões se deu pelo critério de *Kaiser* e critério de *Horn* (Horn, 1965). A fim de assegurar que cada item representava o construto subjacente a dimensão, foi estipulada uma carga fatorial mínima de 0,30 para aceitar o item. O cálculo da precisão da escala foi realizado por meio do coeficiente alfa de Cronbach e confiabilidade composta.

Resultados

Inicialmente foi realizada análise de componentes principais, extraíndo os índices *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO), que indica a adequabilidade da amostra pela proporção da variância dos dados que pode ser considerada comum a todas as variáveis, apresentando resultados satisfatórios com $KMO = 0,90$. O teste de esfericidade de *Bartlett* apresentou-se significativo, comprovando a não existência de uma matriz identidade [$X^2(43) = 3756,39; p < 0,001$]. Com isso, o teste de *Kaiser* apontou a existência de 6 dimensões. Os itens foram agrupados de maneira aleatória, em desacordo com a literatura (Rathus & O'Leary, 1997).

Para testar essa estrutura fatorial, fez-se análise paralela com 1000 simulações (Horn, 1965), critério este que é o mais adequado em 92% das análises na extração das dimensões. Comparando os valores próprios nos 6 componentes no critério de *Kaiser* (8,92; 2,11; 1,82; 1,47; 1,38; 1,03), consecutivamente, com os da análise paralela (1,79; 1,61; 1,59; 1,49), chegou-se a uma estrutura de três dimensões, pois o quarto valor próprio aleatório foi maior que o empírico.

Dando prosseguimento às análises, realizou-se uma nova análise, fixando em 3 componentes, previstos pela literatura e apoiados pela análise paralela. Usou-se a rotação *varimax*, assim como os autores (Rathus & O'Leary, 1997). A estrutura tri-dimensional explicou 42,85% da variância total. As comunalidades, por sua vez, variaram entre $h > 0,30$ (item 20) à $h < 0,59$ (item 2), sendo consideradas satisfatórias (Ver Tabela 1).

Tabela 1. Cargas fatoriais, Autovalores, Percentuais de Variância e valores do alfa de Cronbach.

	<i>Componentes</i>		
	1	2	3
4.Tenho medo de que o(a) meu/minha parceiro(a) acabe o relacionamento.	0,75	0,12	0,12
2.Eu sou muito sensível à sinais de rejeição do(a) meu/minha parceiro(a).	0,74	0,19	0,11
3. Fico ansioso(a) se eu acho que o(a) meu/minha parceiro(a) está chateado(a) comigo.	0,70	0,13	0,03
6. Quando o(a) meu/minha parceiro(a) e eu discutimos, eu me sinto vazia.	0,69	0,12	0,26
30. Sinto-me magoada quando meu/minha parceiro(a) não mostra carinho suficiente.	0,68	0,22	0,02
5. Eu procuro sinais de que o(a) meu/minha parceiro(a) ainda me ama.	0,67	0,01	0,18
26.Às vezes tenho que me lamentar para que meu/minha parceiro(a) perceba como eu estou me sentindo.	0,61	0,06	0,22
10. Muitas vezes penso sobre o perigo de perder o(a) meu/minha parceiro(a).	0,59	0,34	0,24
7.Eu me julgo com base no que o(a) meu/minha parceiro(a) se sente em relação a mim.	0,58	0,15	0,42
8. Me sinto facilmente ferido(a) quando o(a) meu/minha parceiro(a) desaprova algo que eu faço.	0,53	0,16	0,33
1. Eu não posso desfrutar do que estou fazendo quando eu não sinto que meu/minha parceiro (a) realmente se preocupa comigo	0,53	0,19	0,29
27. Às vezes eu percebo que reclamo com meu/minha parceiro(a) de uma forma infantil.	0,47	0,30	0,01
9. Não consigo me concentrar no meu trabalho quando eu não sei o que o(a) meu/minha parceiro(a) está fazendo.	0,47	0,25	0,39
23. Quando estou chateada eu espero meu/minha parceiro(a) vir a mim e descobrir o porquê.	0,35	0,26	0,20
24. Eu prefiro enfrentar adversidades com o meu/minha parceiro(a) ao meu lado.	0,20	0,68	-0,03
21. Eu gosto do meu/minha parceiro(a) por ele(a) ser protetor(a) e compreensivo(a).	0,01	0,67	0,13
29. Sem o(a) meu/minha parceiro(a), as exigências da vida parecem demais para suportar.	0,36	0,61	0,20
18. Meu/minha parceiro(a) é o(a) único(a) que realmente me entende	0,01	0,61	0,30
25. Eu gosto de ter certeza que meu/minha parceiro(a) estará ao meu alcance caso me aconteça algo desagradável.	0,37	0,54	0,01
12. Não há ninguém que eu precise tanto, quanto o(a) eu preciso do(a) meu/minha parceiro(a).	0,20	0,53	0,29
22. Acho difícil ter que me separar do(a) meu/minha parceiro(a) durante todo o dia.	0,29	0,53	0,23
19.Meu/minha parceiro(a) é o(a) único(a) que eu poderia recorrer em uma dificuldade.	-0,05	0,51	0,49
28. Estar longe do(a) meu/minha parceiro(a) não me incomoda. (I)	-0,21	-0,47	-0,09
16.Muitas vezes eu passo meu tempo livre em atividades que não incluem meu/minha parceiro(a). (I)	-0,11	-0,08	-0,61
13.Tenho interesses e hobbies que me dedico sem meu/minha parceiro(a). (I)	0,02	0,09	-0,58
17. Raramente vejo outros amigos desde que comecei esta relação.	0,29	-0,03	0,57
11. Raramente eu durmo se o(a) meu/minha parceiro(a) não estiver comigo.	0,17	0,11	0,50
20.Estou mais preocupado(a) em ter um relacionamento bem sucedido do que em ter conquistas importantes.	0,19	0,20	0,48
15.Eu gosto de sair e explorar novos lugares sem meu/minha parceiro(a). (I)	-0,15	-0,20	-0,47
14.Se meu/minha parceiro(a) sair com amigos a noite, eu provavelmente ficaria sem nada para fazer.	0,28	0,10	0,46
Número de itens	14	9	7
Valor próprio	8,92	2,11	1,82
Variância explicada (%)	29,37	7,03	6,08
Alfa de Cronbach	90	80	70

Nota: Componente 1 refere-se a apego ansioso, componente 2 refere-se à dependência emocional e o componente 3 refere-se à dependência exclusiva. Itens com (I) são invertidos.

Alguns itens saturaram em dimensões diferentes do proposto pelos autores (Rathus & O'Leary, 1997) com carga $> 0,30$ (Nunnally, 1978; Saraph et al., 1989), o que não confirmou a hipótese 1 do estudo. Os itens 30, 26, 27 e 23, que pertenciam a dimensão da dependência emocional, passaram a pertencer a dimensão do apego ansioso. E os itens 18, 12 e 19, que pertenciam à dependência exclusiva, passaram a pertencer a dependência emocional.

Os alfas de Cronbach foram retirados a partir da distribuição dos itens, conforme a análise dos componentes principais; os coeficientes internos variaram de 0,70 a 0,80, e a escala total foi de 0,91, sendo estatisticamente satisfatório (Kline, 2015). Para verificar se as correlações são verdadeiras entre os escores observáveis, realizou-se a confiabilidade composta (Raykov, 1997), aos quais demonstraram confiabilidade de 0,88 para apego ansioso, 0,82 para dependência emocional e 0,72 para dependência exclusiva. Seguindo a distribuição das respostas em torno das médias, obteve-se que as mulheres apresentaram em seus relacionamentos um apego ansioso ($M = 3,48$; $DP = 1,27$), dependência emocional ($M = 3,62$; $DP = 1,15$) e uma baixa dependência exclusiva ao parceiro ($M = 2,87$; $DP = 1,13$).

Discussão parcial

Obteve-se uma distribuição dos itens levemente distinta da composição original. Uma das hipóteses para isso ter acontecido foram características culturais diferentes dos EUA, como também o tempo em que a Escala original foi validada (e.g., 1997), no qual não existia o uso de smartphones e nem redes de comunicação atualizadas. Estatisticamente, os itens que saturam com carga acima de 0,30 em outras dimensões podem ser realocados para a dimensão que obtiveram carga satisfatória, mantendo-se equivalência semântica para sua manutenção no componente carregado (Nunnally, 1978; Saraph et al., 1989). Em geral, os resultados foram satisfatórios, pois, as três dimensões foram observados e apresentaram consistências internas específicas adequadas para nível de pesquisa (Kline, 2015; Nunnally, 1978). Entretanto, o modelo necessita ser testado em uma amostra independente, com o fim de obter índices de qualidade de ajuste. Isso foi realizado no Estudo 2, detalhado a seguir.

Estudo 2

Método

Participantes

Participaram do estudo 325 mulheres com idades entre 18 e 60 anos ($M = 28,18$; $DP = 8,17$). A maioria estava em algum relacionamento, como namoro (43,7%) ou casamento (31,4%), estando com o atual parceiro por um tempo de 1 a 5 anos (27,6%). Grande parte das participantes residiam no Estado da Paraíba (35,5%), seguido de São Paulo (22,2%); declararam-se heterossexuais (85,8%) e bissexuais (8,6%). Afirmaram, também, possuir ensino superior incompleto (40, 6%) e pós-graduação (28,9%). Em relação à religião, declararam-se católicas

(40,6%) ou sem religião específica (29,8%). As principais rendas eram entre 1 a 3 salários mínimos (40,6%), e entre 3 a 5 salários mínimos (27,4%).

Instrumento

Foi utilizada a Escala de Dependência Específica do Cônjuge para mulheres (EDEC-M), proposta pelo Estudo 1. Além disso, também foi utilizado um questionário sociodemográfico, a fim de traçar o perfil da amostra, com questões como: idade, status de relacionamento, tempo de relacionamento, Estado que reside, orientação sexual, escolaridade, religião e renda familiar.

Procedimento

Mesmo procedimento do Estudo 1.

Análise de dados

Uma análise fatorial confirmatória foi utilizada por meio do programa *Rstudio* (versão 3.5.3). Para execução das análises, usou-se o Pacote *Lavaan* e o Estimador *Weighted Least Squares Mean- and Variance-adjusted (WLSMV)*. Os indicadores de ajuste considerados foram: *Chi-squared test (χ^2)/ degrees of freedom (df)*, que indica a magnitude da discrepância entre a matriz de covariância observada e a modelada, testando a probabilidade de o modelo teórico se ajustar aos dados. Quanto maior é esse valor, pior o ajustamento. Porém, tem sido pouco empregado na literatura, sendo mais comum considerar sua razão em relação aos graus de liberdade (χ^2/df), cujos valores devem apresentar-se entre 1 e 3 (Hair et al., 2009). Os índices CFI (*Comparative Fit Index*) e TLI (*Tucker Lewis Index*), os quais calculam o ajuste relativo do modelo observado ao compará-lo com um modelo base, cujos valores acima de 0,95 indicam ótimo ajuste, e os superiores a 0,90 indicam ajuste adequado. RMSEA (*Root-Mean-Square Error of Approximation*) é também uma medida de discrepância, sendo esperados resultados menores que 0,05, mas aceitáveis até 0,08, apesar de tal coeficiente penalizar modelos complexos. Por fim, o SRMR (*Standardized Root Mean Square Residual*) reporta a média padronizada dos resíduos (discrepâncias entre a matriz observada e modelada), sendo que índices menores que 0,10 são indicativos de bom ajuste (Hair et al., 2009; Kline, 2015).

Ainda, avaliou-se os parâmetros dos itens, mediante a Teoria de Resposta ao Item (TRI), com o Modelo de Créditos Parciais e calibração a partir do método *maximum likelihood*, por meio do *software Winsteps* (Linacre, 2015). Com isso, obteve-se o nível de traço latente apresentado pelos sujeitos (*theta*), índices de dificuldade dos itens (*b*), os índices de ajustes dos itens (*Infit* e *Outfit*), correlação item-total e o Mapa de Itens da Escala.

Resultados

Para verificar qual a melhor estrutura fatorial das dimensões, levando-se em consideração a distribuição dos itens do Estudo 1, resolveu-se observar índices de ajuste em diferentes modelos. Para isso, testou-se a estrutura uni-dimensional, em que os itens se agrupariam em uma única dimensão; a estrutura tri-dimensional proposta pelos autores e encontrada no Estudo 1; além de uma estrutura hierárquica em que as dimensões (apego ansioso, dependência emocional e exclusiva) explicam uma dimensão subjacente, isto é, uma dimensão geral da dependência. Os itens foram testados a partir da estrutura dada no Estudo 1. Neste sentido, observou-se a comparação de três modelos: uni-dimensional, tri-dimensional e hierárquico (Ver Tabela 2). O modelo mais adequado foi aquele que apresentou melhor índice de ajuste ao modelo, sobretudo o que possui menor SRMR, o que significa que existe, além das três dimensões, uma dimensão geral que pode explicar as três dimensões específicas do cônjuge. Observando esses índices de ajuste ao modelo, nota-se que este é o mais adequado para a EDEC-M.

Tabela 2. Comparação de modelos estruturais da EDEC-M.

<i>Modelos</i>	χ^2	<i>df</i>	χ^2/df	<i>CFI</i>	<i>TLI</i>	<i>GFI</i>	<i>RMSEA</i> (IC-95%)	<i>SRMR</i>
Uni-dimensional	1223,90	405	3,02	0,90	0,89	0,92	0,07 (0,07 - 0,08)	0,09
Tri- dimensional	707,55	374	1,89	0,95	0,95	0,95	0,05 (0,05 - 0,06)	0,08
Hierárquico	707,55	374	1,89	0,95	0,95	0,95	0,05 (0,04 - 0,05)	0,07

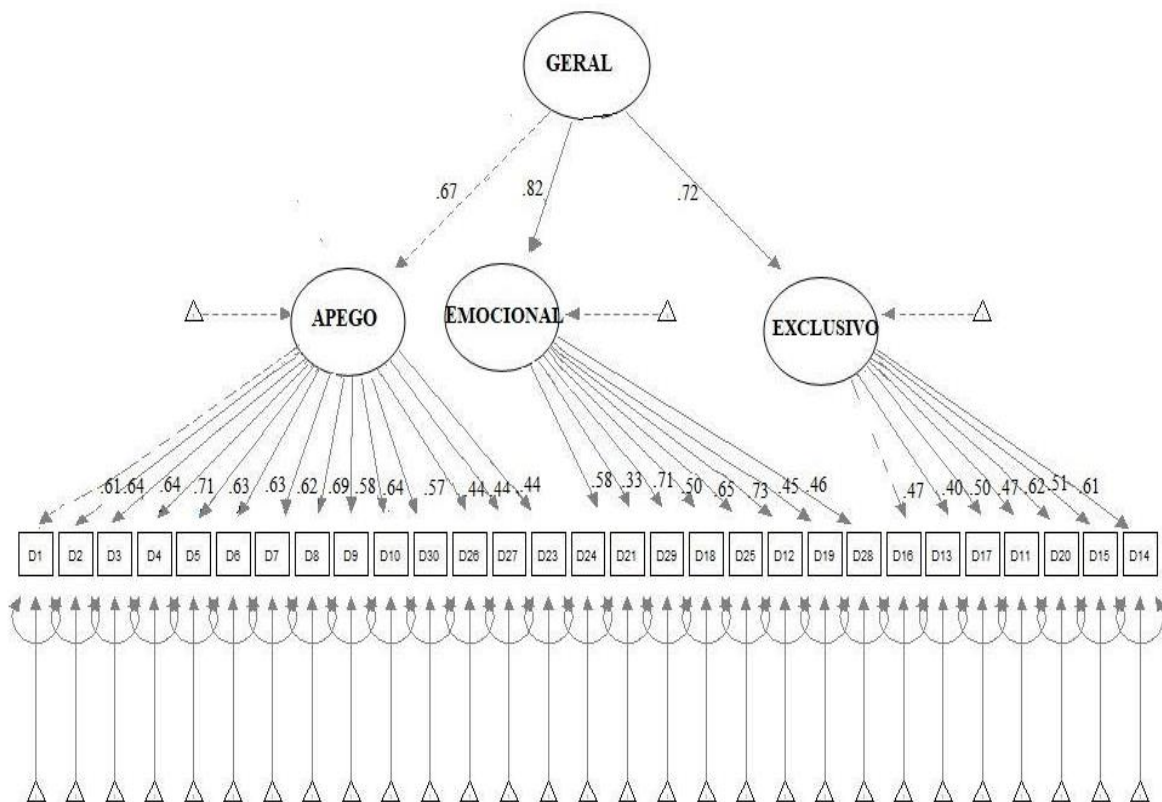


Figura 1. Estrutura fatorial da EDEC-M.

Nota-se que os *loadings* foram acima de 0,40, indicando que as variáveis observadas constroem os traços latentes, isto é, pertencem as dimensões (Nunnally, 1978), como sugerido anteriormente pelos autores (Rathus & O’Leary, 1997). Mas essas dimensões estão tão fortemente relacionadas que podem indicar haver uma estrutura hierárquica, formando uma dimensão geral, e de fato essa estrutura apresentou índices de ajuste ao modelo adequados (Observar Figura 1). Além disso, a consistência interna de cada dimensão mostrou-se adequada, todos $> 0,70$ (Kline, 2015): apego ansioso ($\alpha= 0,88$), dependência emocional ($\alpha= 0,80$) e dependência exclusiva ($\alpha= 0,72$). O modelo hierárquico agrupado com as três dimensões de primeira ordem apresentou um valor de alfa de Cronbach de 0,89, isto é, estatisticamente satisfatório (Kline, 2015).

As análises foram realizadas considerando a dimensão geral avaliado pela EDEC-M, tendo em vista a importância da dimensão de ordem superior, verificada previamente. Em relação aos índices de dificuldade, verifica-se pequena variação em torno da média ancorada em zero. Tais resultados evidenciam que nenhum item se mostrou muito fácil nem difícil de ser endossado

pelos mulheres, indicando também boa capacidade de avaliar a porção central do contínuo da dependência emocional. Referente aos índices de ajuste *Infit*, apenas os itens 3, 11, 13, 15, 16 e 28 não se apresentaram adequados (entre 0,7 e 1,3), conforme Bond e Fox (2001), indicando que a maioria dos itens apresentam ajustamento esperado pelo modelo. Quanto aos índices de *Outfit*, os itens 11, 13, 15, 16 e 28 apresentam valores fora do intervalo estabelecido (entre 0,7 e 1,3), sugerindo padrões de resposta inesperados pelo modelo. Mas, apenas o item 13 (*Outfit* = 2,06) extrapolou o valor considerado máximo para aceitação do item, sem interferir na validação do instrumento (Linacre, 2002).

Os índices de correlação entre o item e nível de *theta* das participantes apresentaram-se satisfatórios. O *theta* das participantes tendeu a endossar categoriais de resposta moderadas ($M = -0,19$ e $DP = 0,30$), e uma considerável amplitude dada pelos valores mínimo e máximo (-1,41 e 0,71). Quanto à probabilidade de endosso de cada categoria de resposta dos itens da EDEC-M, a análise das curvas características indicou uma relação monoatômica crescente entre os valores de *theta* e as categorias de resposta, ou seja, entre o nível de traço latente e o nível de dificuldade apresentado por cada uma das categorias de resposta. Para um maior detalhamento das informações ver Tabela 3.

Tabela 3. Parâmetros dos itens da EDEC-M.

<i>Itens</i>	<i>B</i>	<i>EP</i>	<i>Infit</i>	<i>Outfit</i>	<i>R</i>
1	0,11	0,03	0,73	0,80	0,56
2	-0,43	0,03	0,85	0,90	0,56
3	-0,48	0,03	0,69	0,70	0,57
4	-0,10	0,03	0,75	0,73	0,66
5	-0,19	0,03	0,85	0,85	0,60
6	-0,04	0,03	0,81	0,82	0,60
7	0,33	0,03	0,83	0,82	0,59
8	-0,06	0,03	0,72	0,72	0,59
9	0,56	0,04	1,08	0,95	0,54
10	0,05	0,03	0,80	0,78	0,62
11	0,76	0,05	1,51	1,45	0,32
12	0,42	0,03	0,93	0,86	0,55
13	-0,58	0,03	1,62	2,06	0,02
14	0,24	0,03	1,17	1,16	0,42
15	-0,21	0,03	1,67	1,88	-0,08
16	-0,26	0,03	1,47	1,65	-0,04
17	0,21	0,03	1,22	1,25	0,34
18	0,39	0,03	0,88	0,88	0,42
19	0,30	0,03	1,11	1,15	0,40
20	0,41	0,03	0,94	0,96	0,50
21	-0,35	0,03	1,13	1,17	0,33
22	0,53	0,04	0,93	0,87	0,49
23	0,12	0,03	0,95	0,93	0,48
24	-0,67	0,03	0,87	0,85	0,48
25	-0,39	0,03	0,79	0,76	0,55
26	-0,05	0,03	1,09	1,11	0,48
27	-0,03	0,03	0,96	0,96	0,52
28	-0,12	0,03	1,57	1,89	-0,21
29	-0,03	0,03	0,86	0,83	0,55
30	-0,43	0,03	0,72	0,71	0,58
M	0,00	0,03	1,02	1,05	
DP	0,36	0,00	0,28	0,37	

Nota: *b* (dificuldade); *EP* (Erro Padrão); *Infit* e *Outfit* (índices de ajuste); *r* (Correlação entre os itens); *M* (média); *DP* (Desvio Padrão).

Por fim, avaliou-se o Mapa de Item-Pessoa, em que a linha vertical tracejada no meio da Figura 2 refere-se aos diferentes níveis de traço latente (dependência emocional) das participantes, no qual pode ser identificado o ponto médio (*M*), um desvio-padrão (*S*) para cima ou para baixo da média, e dois desvios-padrão (*T*), também para cima ou para baixo da média. Na direção de cada nível de *theta* encontram-se dispostos os limiares de itens ao lado direito, e os *thetas* estimados pelas pessoas ao lado esquerdo. A quantidade de símbolos “#” ou “X” indica a concentração de participantes naquela faixa de *theta*.

Com base na análise da Figura 2, observou-se que a dificuldade dos itens da EDEC-M esteve predominantemente entre -1 e +1, enquanto o *theta* das participantes esteve principalmente entre -0,5 e +0,5. Porém, verificou-se que a maioria dos itens da EDEC-M são pontuados por mulheres com traço latente moderado (*theta* próximo a -0,3). A média dos itens foi superior à média das pessoas, representando que os itens apresentaram dificuldade mediana pelas mulheres.

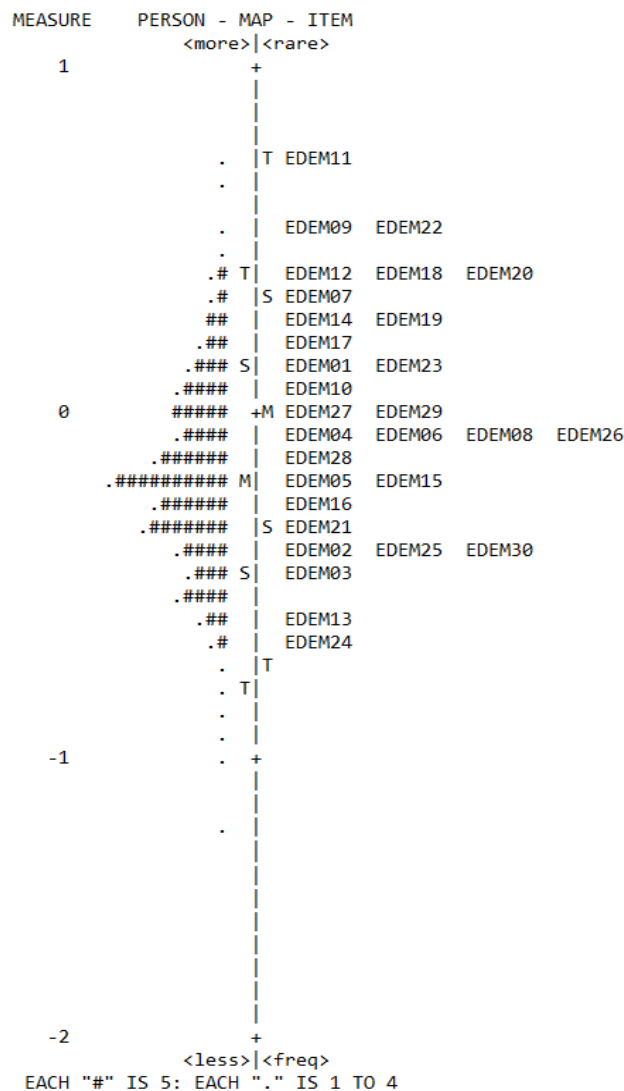


Figura 2. Mapa de Item-Pessoa.

No que tange à facilidade dos itens, o item 24 (*Eu prefiro enfrentar adversidades com o meu/minha parceiro(a) ao meu lado*) foi o mais fácil de ser respondido. Os itens mais difíceis

foram aqueles que se localizaram com *theta* acima de um desvio-padrão, tais como os itens 9, 11, 12, 18, 20, 22; sendo o item 11 (*Raramente eu durmo se o(a) meu/minha parceiro(a) não estiver comigo*) o mais difícil de ser endossado pelas mulheres. Somente pessoas com *theta* acima de 0,4 (lado esquerdo do mapa) responderam altas categorias nestes itens, valor de *theta* que pode ser indicativo de maior gravidade para a dependência emocional. Observa-se, ainda, que distribuições de limiares de itens e as estimativas de pessoas foram razoavelmente correspondidas, pois houve pouca quantidade de itens para níveis mais baixos do contínuo. Isso revela um padrão de melhor segmentação para pessoas com moderado nível de *theta*.

Discussão Parcial

Os resultados replicam a estrutura fatorial da escala original (Rathus & O’Leary, 1997), demonstrando a singularidade de cada construto, além de revelar a presença de um traço latente geral, como ficou demonstrado na qualidade do ajustamento do modelo hierárquico. Isto é, a dependência do cônjuge tanto ocorre de forma singular, como também ocorre simultaneamente de forma conjunta formando uma dimensão geral, comprovando a hipótese 2. Com respeito ao processo de validação neste estudo, pode-se verificar uma adequação dos itens à escala vista de maneira unidimensional, dada pela teoria de resposta do item (TRI). E a partir dessa teoria, pode-se verificar um item desajustado no processo de validação da EDEC-M (Rathus & O’Leary, 1997), que foi excluído para o não comprometimento da escala (Linacre, 2002).

Discussão Geral

O objetivo deste artigo foi descrever o processo de adaptação e validação de uma medida de dependência do Cônjuge específica para mulheres, composta com 30 afirmações que se distribuíram em três dimensões: apego ansioso, dependência emocional e dependência exclusiva. Nesse processo, desenvolveu-se dois estudos, cada um comportando uma hipótese diferenciada, o primeiro estudo, buscou explorar a distribuição dos itens conforme a escala original (Rathus & O’Leary, 1997), e o segundo estudo, buscou testar modelos alternativos com a proposta de encontrar uma estrutura fatorial para a EDEC-M.

No primeiro estudo, as análises apresentadas através da ACP evidenciaram que, assim como no estudo original, três componentes foram encontrados. Entretanto, a distribuição de alguns itens foi distinta, dados que as autoras acreditam em diferenças culturais e temporais. Isto é, a cultura assim como a língua se modifica ao longo do tempo, bem como os avanços em termos de garantias e direitos das mulheres em vários espaços públicos. Em 23 anos há uma mudança temporal, assim como há mudanças culturais. O que leva a supormos que a correlação entre itens na amostra brasileira pode ser diferente das mulheres norte-americanas, bem como a tradução dos itens podem ter modificado a forma como se entende o que é dependência hoje em dia. No segundo estudo, o melhor modelo foi o hierárquico de 2ª ordem. Os índices de

qualidade de ajustamento apresentaram melhor ajustamento que o modelo original (tri-dimensional), demonstrando maior validade fatorial. O construto de ordem superior (Comrey, 1988) definido como dimensão geral de dependência do cônjuge foi produzido por meio da matriz de intercorrelações, resultado da estrutura já proposta pelos autores, isto é, os itens agruparam-se fortemente, indicando uma nova forma de medir a dependência de forma geral. Apesar do modelo tri-dimensional ter o mesmo valor de *chi-squared test* (X^2)/ *degrees of freedom* (*df*), indicando que o modelo teórico ajustou-se às participantes, o critério da escolha de melhor modelo foi estabelecido por meio do SRMR, que indica a média dos resíduos. Quanto menor este índice menor é o erro do modelo (Hair et al., 2009), logo, o modelo hierárquico demonstrou $< 0,08$. É nesse sentido que a consistência interna foi estabelecida, além de observar a melhor estrutura, também se observa que a estrutura hierárquica apresentou consistência interna estatisticamente satisfatória (Kline, 2015; Nunnally, 1978).

Os itens que não se agruparam na dimensão proposta, como, por exemplo, os itens 30, 26, 27 e 23, mostraram saturações mais fortes em apego ansioso, ao invés de dependência emocional; e os itens 18, 12 e 19, que pertenciam à dependência exclusiva e passaram a ser da dependência emocional, tornam justificável a seu agrupamento por dois motivos: o primeiro que os itens possuem uma semântica parecida com a definição desses construtos, e segundo, as dimensões estão tão fortemente correlacionados que formaram uma dimensão de ordem superior (denominado de dimensão geral) (Comrey, 1988). E analisando de maneira robusta a contribuição de cada item, testou-se a partir da Teoria de resposta ao Item (TRI; Reise, Ainsworth & Haviland, 2005) verificou-se a unidimensionalidade das variáveis indicadoras como forma de analisar as propriedades psicométricas para se constituir como um traço latente. Ao se analisar a dificuldade do item verificou-se que as mulheres possuem boa capacidade de distinção entre as formas de dependência do cônjuge que sofrem (Harvey & Hammer, 1999), isso porque as respostas dadas por elas a dois itens são independentes (Pasquali & Primi, 2003).

Quanto aos *Infit*, foi verificado o padrão de respostas sensíveis às pessoas, e por meio do *Outfit*, verificou-se a sensibilidade dos padrões de resposta com dificuldade (Linacre, 2002). Logo, observou-se que 5 itens não apresentaram padrões de respostas esperados, ou seja, esses itens não foram sensíveis às pessoas e à dificuldade do item (Bond & Fox, 2001). Apenas o item 13 “*tenho interesses e hobbies que me dedico sem meu/minha parceiro(a)*”, mostrou-se desajustado, extrapolando o valor máximo de 2 no *Outfit*, o que pode comprometer a validação do teste (Linacre, 2002). Nesse sentido, optou-se pela exclusão desse item no processo de validação da Escala. Contudo, o mapa de Item-Pessoa permitiu verificar a existência de itens predominantemente difíceis de serem endossados pelas mulheres, ou seja, apenas mulheres com níveis maiores de dependência tenderão a concordar com tais itens. Desse modo, estamos, diante de um subteste útil para apontar níveis mais patológicos de dependência emocional. González-Jiménez e Hernández-Romera (2014) afirmam que existem várias causas da

dependência ligadas ao desequilíbrio emocional, e por isso é tão difícil um dependente assumir que está em desarmonia interna.

Embora a EDEC-M apresente estatísticas favoráveis para seu uso, algumas limitações devem ser apontadas, como a amostragem não probabilística (por conveniência) e a baixa representatividade da amostra. Deve-se ponderar a generalização das conclusões do estudo para investigações posteriores, nas quais amostragens probabilísticas são realizadas e o comportamento do questionário é examinado em uma população mais ampla, diferente daquela aqui estudada. Além disso, ressalta-se a não equivalência entre as orientações sexuais, já que se busca validar tanto para mulheres heterossexuais como homossexuais. Outra limitação é não ter dados provenientes de várias regiões brasileiras (como por exemplo a região norte e centro oeste), situando a maior parte na região nordeste e sul, mais especificamente no Estado da Paraíba e São Paulo.

E por fim, apesar de atingirmos os objetivos e hipóteses instaurados no presente estudo, este ainda pode ser melhorado. Compreende-se a necessidade de estudos complementares, em amostras maiores e mais representativas da característica continental e diversificada culturalmente que o Brasil possui. Além disso, outros tipos de validade podem ser averiguados, como a validade convergente-discriminante e a incremental, assim como um estudo de fidedignidade teste-reteste do instrumento ao longo de alguns meses. A Teoria de Resposta ao item pode ser utilizada para investigação de funcionamento diferencial dos itens, dependendo de subgrupos amostrais, como a orientação sexual e fatores socioeconômicos. A medida aqui descrita pode ser utilizada a nível de pesquisa em estudos brasileiros descritivos populacionais, e para compreensão de correlações entre a dependência emocional e outros construtos, tal como a violência doméstica, autoestima e sintomas psicopatológicos decorrentes das relações amorosas. A medida poderá ser utilizada em modelos explicativos e processos psicológicos que envolvem a dependência emocional. Uma alternativa para aferir de maneira mais bruta a dependência emocional seria a comparação com o *Implicit Association Test* (IAT, Greenwald et. al., 1998) em que se deveria testar as dimensões por meio desse teste e compará-la com a presente escala.

A presente escala, além das contribuições psicométricas adequadas com uma nova forma de medir a dependência do cônjuge com uma dimensão geral, trouxe elementos a serem aplicados em mulheres homoafetivas, o que na escala original (Rathus & O'Leary, 1997) tratava apenas de mulheres heterossexuais. Além disso, o Estudo 2 mostrou, por meio da TRI, que os itens são endossados pelas mulheres de forma independente de cada dimensão, ou seja, os itens não contribuem de forma igual para dimensão, mas de forma específica com cada afirmação endossada por elas (Harvey & Hammer, 1999). Por fim, considera-se que a EDEC-M (Rathus & O'Leary, 1997) reuniu evidências psicométricas adequadas para o uso em mulheres brasileiras, e espera-se que a divulgação desse instrumento auxilie psicólogos na detecção de mulheres

dependentes emocionalmente, que aceitam tudo em um relacionamento devido ao medo de ficarem sozinhas (Hasan & Clark, 2017); como também contribua em avaliações de vítimas de violência, para uma melhor adaptação, bem estar da saúde e obtenção de resultados em terapia (Moral, García, Cuetos, & Sirvent, 2017) ou estudos com mulheres que também praticam agressão (Bornstein, 2006).

Referencias

- Abuín, M. R., & de Rivera, L. (2015). Dependency, detachment and psychopathology in a Non clinical sample: General relations and gender differences. Is there a new line of inquiry on paranoid pathology? *Clínica y Salud*, 26(2), 65–72. <http://dx.doi:10.1016/j.clysa.2015.06.003>
- Beck, A. T., Epstein, N., Harrison, R. P., & Emery, G. (1983). *Development of the Sociotropy-Autonomy Scale: A measure of personality factors in psychopathology*. Unpublished manuscript, University of Pennsylvania, Philadelphia.
- Blatt, S. J., D'Afflitti, J. P., & Quinlan, D. M. (1976). Experiences of depression in normal young adults. *Journal of Abnormal Psychology*, 85(4), 383-389. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.85.4.383>
- Bond, T. G., & Fox, C. M. (2001). *Applying the Rasch model: fundamental measurement in the human sciences*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bornstein, R. F. (2005). *The dependent patient: A practitioner's guide*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Bornstein, R. F. (2006). The complex relationship between dependency and domestic violence: Converging psychological factors and social forces. *American Psychologist*, 61(6), 595-606. <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.61.6.595>
- Bornstein, R. F. (2012). Illuminating a neglected clinical issue: Societal costs of interpersonal dependency and dependent personality disorder. *Journal of clinical psychology*, 68(7), 766-781. <http://dx.doi:10.1002/jclp.21870>
- Bornstein, R. F., Geiselman, K. J., Eisenhart, E. A., & Languirand, M. A. (2002). Construct validity of the relationship profile test. *Assessment*, 9(4), 373–381. <http://dx.doi:10.1177/1073191102238195>
- Bornstein, R. F., Porcerelli, J. H., Huprich, S. K., & Markova, T. (2009). Construct validity of the relationship profile test: correlates of overdependence, detachment, and healthy dependency in low Income urban women seeking medical services. *Journal of Personality Assessment*, 91(6), 537–544. <http://dx.doi:10.1080/00223890903228406>
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia*, 22(53), 423-432.
- Bowlby, J. (1973). *Separation*. Basic Books, London.

- Broozi, A., & Fraghdani, A. (2018). The effect of spouse-specific dependency on entrapment and couple burnout in married students. *Semi-annual Journal of Family Pathology, Counseling and Enrichment*, 3(2), 1-20.
- Bution, D. C., & Wechsler, A. M. (2016). Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 7(1), 77-101.
- Castelló, J. (2005). *Dependência emocional: características e tratamento*. Espanha: Aliança Editorial.
- Comrey, A. L. (1988). Factor-analytic methods of scale development in personality and clinical psychology. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 56(5), 754-761.
<http://dx.doi:10.1037/0022-006X.56.5.754>
- Deza, S. (2012). Por que as mulheres permanecem em relacionamentos violentos? *Avanços em Psicologia*, 20(1), 45-55.
- Estévez, A., Urbiola, I., Iruarrizaga, I., & Onaindia, J. (2017). Emotional dependency in dating relationships and psychological consequences of internet and mobile abuse. *Anales de psicología*, 33(2), 260.
- González-Jiménez, A. J., & Hernández-Romera, M. del M. (2014). Emotional dependency based on the gender of young adolescents in Almeria, Spain. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 132, 527–532. <http://dx.doi:10.1016/j.sbspro.2014.04.348>
- Greenwald, A. G., McGhee, D. E., & Schwartz, J. L. K. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: the implicit association test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(6), 1464-1480.
- Haggerty, G., Bornstein, R. F., Khalid, M., Sharma, V., Riaz, U., Blanchard, M., ... Sinclair, S. J. (2015). Construct Validity of the Relationship Profile Test: Links with Measures of Psychopathology and Adult Attachment. *Journal of Personality Assessment*, 98(1), 82–87.
<http://dx.doi:10.1080/00223891.2015.1110824>
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada dos dados* (6a ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Harvey, R., & Hammer, A. (1999). Item response theory. *The Counseling Psychologist*, 27, 353-383.
- Hasan, M., & Clark, E. M. (2017). I get so lonely, baby: the effects of loneliness and social isolation on romantic dependency. *The Journal of social psychology*, 157(4), 429-444.
- Hirschfeld, R. M. A., Klerman, G. L., Gouch, H. G., Barrett, J., Korchin, S. J., & Chodoff, P. (1977). A measure of interpersonal dependency. *Journal of Personality Assessment*, 41, 610-618. http://dx.doi.org/10.1207/s15327752jpa4106_6
- Horn, J. L. (1965). A rationale and technique for estimating the number of factors in factor analysis. *Psychometrika*, 30(1), 179-185.
- Hoyos, M. L., & Arredondo, N. H. L. (2015). Construcción y validación del cuestionario de dependencia emocional en población colombiana. *Acta colombiana de psicología*, 9(2), 127-140.

- Kane, F. A., & Bornstein, R. F. (2015). Beyond passivity: Dependency as a risk factor for intimate partner violence. *Personality and Mental Health, 10*(1), 12–21. <http://dx.doi:10.1002/pmh.1322>
- Kline, R. B. (2015). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York, NY: The Guildford Press.
- Linacre, J. M. (2002). What do infit and outfit, mean-squared and standardized mean? *Rasch Measurement Transactions, 16*(2), 878. Recuperado de <http://209.238.26.90/rmt/rmt82a.htm>
- Linacre, J. M. (2015). *A User's guide to Winsteps-ministep: Rasch-model computer programs*. Program Manual. Chicago: Winsteps
- Linville, P.W. (1985). Self-complexity and affective extremity: don't put all of your eggs in one cognitive basket. *Social Cognition, 3*(Special Issue on Depression), 94-120. <https://doi.org/10.1521/soco.1985.3.1.94>
- Mapa da Violência contra a mulher 2018. (2018). Brasília: Comissão de defesa dos direitos das mulheres
- Moral, M. V., García, A., Cuetos, G., & Sirvent, C. (2017). Violencia en el noviazgo, dependencia emocional y autoestima en adolescentes y jóvenes españoles. *Revista Iberoamericana de Psicología y Salud, 8*(2), 96-107. <https://dx.doi.org/10.23923/j.riips.2017.08.009>
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric Theory* (2ª ed.). New York: McGraw-Hill.
- Pasquali, L., & Primi, R. (2003). Fundamentos da Teoria de Resposta ao Item – TRI. *Avaliação Psicológica, 2*, 99-110.
- Perles, F., San Martín, J., & Canto, J. M. (2019). Gender and conflict resolution strategies in Spanish teen couples: their relationship with jealousy and emotional dependency. *Journal of interpersonal violence, 34*(7), 1461-1486. <https://doi.org/10.1177/0886260516651316>
- Petrucelli, F., Diotaiuti, P., Verrastro, V., Petrucelli, I., Federico, R., Martinotti, G., ... Janiri, L. (2014). Affective Dependence and Aggression: An Exploratory Study. *BioMedResearch International, 1*–11. <https://doi.org/10.1155/2014/805469>
- Rathus, J., & O'Leary, K. (1997). Spouse-Specific Dependency Scale. *Journal of Family Violence, 12*(2), 159-168.
- Raykov, T. (1997). Estimation of composite reliability for congeneric measures. *Applied Psychological Measurement, 21*(2), 173-184. <https://doi.org/10.1177/01466216970212006>
- Reise, S., Ainsworth, A., & Haviland, M. (2005). Item Response Theory. *Current Directions in Psychological Science, 14*(2), 95-101.
- Saraph, J.V., Benson, P.G., & Schroeder, R.G. (1989). An instrument for measuring the critical factors of quality management. *Decision Sciences, 20*(4), 810-829. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1540-5915.1989.tb01421.x>
- Sirvent, C. (2000). Las dependencias relacionales: dependencia emocional, codependencia y bidependencia. Comunicación presentada no I Symposium Nacional de Adicción en la Mujer. Madrid.

- Tello, A. J. J. (2015). Dependencia emocional en mujeres víctimas de violencia de pareja. *Revista de Psicología (PUCP)*, 33(2), 411-437.
- Valle, L., & Moral, M. V. (2018). Dependencia emocional y estilo de apego adulto en las relaciones de noviazgo en jóvenes españoles. *Revista Iberoamericana de Psicología y Salud*, 9(1), 27-41. <https://dx.doi.org/10.23923/j.rips.2018.01.013>
- Valor-Segura, I., Expósito, F., & Moya, M. (2009). Desarrollo y validación de la versión española de la Spouse-Specific Dependency Scale (SSDS). *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 9(3), 479-500.
- Ventura, J., & Caycho, T. (2016). Análisis psicométrico de una escala de dependencia emocional em universitarios peruanos. *Revista de psicología (Santiago)*, 25(1), 01-17. <https://dx.doi.org/10.5354/0719-0581.2016.42453>
- Wang, S., Roche, M. J., Pincus, A. L., Conroy, D. E., Rebar, A. L., & Ram, N. (2014). Interpersonal dependency and emotion in everyday life. *Journal of Research in Personality*, 53, 5–12. <http://dx.doi:10.1016/j.jrp.2014.07.007>